

A desconstrução do silêncio em *Um sopro de vida*

Rafaela Santos¹

Resumo: O artigo contextualiza a ambiguidade da palavra “silêncio” na obra literária *Um Sopro de Vida* da autora Clarice Lispector, publicada em 1978, em que será feito de acordo com o Pós-estruturalismo, um processo de desconstrução dessa palavra para que possamos compreender seus múltiplos significados no texto. O pós-estruturalismo, teoria em que se destaca o nome do filósofo francês Jacques Derrida, é uma forma de pensar criticamente o texto literário, e que irá desconstruir o conceito estruturalista através dos discursos teóricos disseminados no texto, procurando um detalhe repetido, percebendo que aquilo pode ser uma forma de pensamento diferente do que é tido como normal, um termo de uma antítese secretamente presente no outro, caindo por terra toda a verdade absoluta de que um significante depende absolutamente de um único significado. Recortei a palavra “silêncio” para que possamos compreender a subjetividade desse silêncio, e seus múltiplos significados no texto.

Palavras-chave: Jacques Derrida; pós-estruturalismo; desconstrução; personagem; silêncio; liberdade.

Abstract: The article contextualizes the ambiguity of the word "silence" in the literary work *A Breath of Life* by author Clarice Lispector, published in 1978, in which will be done according to Post-structuralism, a process of deconstruction of this word so that we can understand its multiple meanings in the text. Post-structuralism, a theory emphasizing the name of the French philosopher Jacques Derrida, is a way of thinking critically about the literary text, and that will deconstruct the structuralist concept through the theoretical discourses disseminated in the text, looking for a repeated detail, realizing that it may be a form of thought different from what is regarded as normal, a term of an antithesis that is secretly present in the other, and all the absolute truth that a signifier absolutely depends on a single meaning falls to the ground. I cut the word "silence" so that we can understand the subjectivity of this silence, and its multiple meanings in the text.

Keywords: Jacques Derrida; poststructuralism; deconstruction; character; silence; freedom.

¹ Graduanda do curso de Letras, campus universitário de Pontes e Lacerda.

Introdução

Neste artigo, iniciarei um trabalho de desconstrução da palavra “silêncio” encontrado diversas vezes dentro da obra de Clarice Lispector *Um Sopro de Vida* publicada em 1978, de acordo a concepção teórica de Jacques Derrida, que rompeu o modo de pensar do estruturalismo, dando início à sua teoria, o Pós-estruturalismo, que tem uma forma de pensar criticamente, e que desconstrói o conceito da teoria estruturalista através dos discursos teóricos. O pós-estruturalismo é uma teoria que surge rompendo com a ideia estruturalista de querer apenas encontrar os contrastes dentro de uma obra literária, levando em conta de que esses contrastes estão presentes em todos os textos, que eles existem, porém, não é a única forma de pensar os textos literários, a técnica da crítica desconstrutivista é “(...) em outras palavras, demonstrar como os textos podem embaraçar seus próprios sistemas lógicos dominantes” (TERRY EAGLETON, 2006, pg. 201).

Enquanto o estruturalismo considera o significante e o significado inseparáveis, os pós-estruturalistas não os veem desta forma, e sim como separáveis, segundo a argumentação de EAGLETON

O significante não nos revela o significado diretamente, como um espelho reproduz uma imagem; na língua, não há uma série harmoniosa de correspondências diretas entre o nível dos significantes e o nível dos significados (...). Se o estruturalismo separou o signo do referente, esse pensamento - frequentemente mencionado como "pós-estruturalismo" - dá um passo além: separa o significante do significado. (2006, pg. 199).

Essa teoria valoriza o que há de diferente, e não irá focar em uma ideia principal, mas, uma busca entre diferença e complementariedade, em que ficará a critério do leitor encontrar essa dissemelhança, e complementar as ideias do texto.

Desenvolvimento

Na obra de Clarice Lispector, nota-se o uso frequente da palavra “silêncio”; a aplicação dessa palavra não se trata de uma linguagem “alienada” usada pela autora. Com base no pós-estruturalismo, podemos tomá-la como uma forma de “descristalizar” (desconstruir) uma ideologia pronta e posta como normal, pois, a leitura habitual de acordo com Derrida “(...) consiste em tomar um fragmento aparentemente periférico da obra - uma nota de rodapé, um termo ou imagem menor e repetido, uma alusão casual - e nele trabalhar

tenazmente até o ponto em que ele ameace dismantelar as oposições que governam o texto como um todo” (EAGLETON, 2006, pg.201).

O “silêncio” dentro da obra, Lispector toma-o como um paradigma, uma ideia central para que se possam entender as personagens do texto, quando a autora cria as personagens, cria também o silêncio para que essas personagens possam compreender a si mesmas, no conto temos um autor como personagem, e essa personagem Autor, concebe dentro da obra uma segunda personagem chamada Ângela Pralini, para tentar entender a si próprio, que por sua vez cria o silêncio em busca de uma liberdade; no texto *Um Sopro de Vida* temos:

Sou um homem que escolheu o silêncio grande. Criar um ser que me contraponha é dentro do silêncio (...). Ângela é minha necessidade (...). Ângela é tudo que eu queria ser e não fui (...). Será que criei Ângela para ter um diálogo comigo mesmo? Eu inventei Ângela porque preciso me inventar (...). (CLARICE; LISPECTOR, 1978, pg. 29, 30, 31).

Dentro da concepção pós-estruturalista de Derrida, o silêncio encontrado diversas vezes na obra, não se trata de um silêncio comum de acordo o pensamento ocidental, ou seja, metáforas ou metonímias (palavras ou nomes diferentes que usamos para mencionar um centro ou fundamento fixo, a partir do qual podemos pensar uma estrutura total, ou até mesmo de uma realidade em geral), pois segundo Jacques Derrida em seu livro *A Escritura e a Diferença*:

A história da metafísica, como a história do ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias. A sua forma matricial seria-espere que me perdoem por ser tão pouco demonstrativo e tão elítico, mas é para chegar mais depressa ao meu tema principal – a determinação do ser como presença em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio, ou do centro, sempre designaram o invariante de uma presença (eidos, arquê, telos, energeia, ousia (essência, existência, substância, sujeito) aletheia, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.). (1995, pg. 231).

Temos como significado comum da palavra “silêncio” a ausência total ou relativa de sons audíveis, porém, essa expressão pode nos dizer muito além do que uma simples ausência dos sons, principalmente quando está empregada em um texto ficcional, nos possibilitando enxergar além do que é comum, fora dos padrões da normalidade. No texto de Lispector podemos observar muito bem a utilização do termo, não para referir-se ao silêncio comum, mas, como uma forma que a personagem Autor encontra para tentar se libertar de algo que incomoda o seu mais íntimo ser, como maneira de exteriorizar seus sentimentos. O ser de papel deixa isso claro em uma passagem quando diz: “O que sinto não é traduzível. Eu me

expresso melhor pelo silêncio” (LISPECTOR, 1978, pg. 37). Sua ânsia pela própria compreensão, por uma liberdade ligada ao silêncio, faz com que a personagem Autor crie outra personagem, método esse, que também foge aos padrões de normalidade em um texto literário, sua criação não se prende a sentimentos, procura libertá-los para viver intensamente livre como se percebe na seguinte passagem do texto:

Não aguento muito tempo um sentimento porque passo a ter angústia e meu pensamento fica ocupado com o sentimento e eu me desvencilho dele de qualquer jeito para ganhar de novo a minha liberdade de espírito. Sou livre para sentir. Quero ser livre para raciocinar. (LISPECTOR, 1978, pg. 57).

No decorrer do enredo, a personagem Ângela Pralini, também descobre no silêncio a completude “Pára tudo: criei o silêncio. No silêncio é que mais se ouvem os ruídos. Entre as marteladas eu ouvia o silêncio. (...) O silêncio não é o vazio, é a plenitude”. (LISPECTOR, 1978, pg. 59). Com o passar da trama, a criação e personagem Ângela começa a fugir do controle de seu criador Autor, pois a mesma representa seus sentimentos interiores, e sabemos que podemos controlar nosso corpo, mas, nunca os nossos sentimentos. Ângela também começa a querer compreender o sentido da sua existência, procurando também se libertar, é que Ângela, não é corpo em matéria, ela é espiritual, é uma alma que se sente presa a um corpo e precisa sair dali para encontrar uma paz. Percebe-se isto em várias passagens do texto, em especial uma, quando ela diz:

Eu tenho uma aparente liberdade, mas estou presa dentro de mim. Eu queria uma liberdade olímpica. Mas essa liberdade só é concedida aos seres imateriais. Enquanto eu tiver corpo ele me submeterá às suas exigências. Vejo a liberdade como uma forma de beleza e essa beleza me falta. (LISPECTOR, 1978, pg. 62).

Nem só a personagem Autor quer liberdade por meio do silêncio, Ângela também almeja ser livre, ambos são um só, e por isso compartilham dos mesmos desejos em si. A personagem Autor na obra de Lispector representa o corpo humano com todos os seus problemas existenciais, que ao criar Ângela, se exterioriza para tentar enxergar e compreender sua espiritualidade, e quando sua personagem criação começa a fugir do seu controle, percebe-se que não podemos, por mais que tentássemos, controlar nosso estado de espírito, a matéria (o corpo) precisa se desfazer, se distanciar e deixar a alma livre, no misterioso e desconhecido “silêncio” que seria o último estágio da vida (a morte), vemos em uma parte a morte ser citada como liberdade: “(...) eu quero a morte que me liberta” (LISPECTOR, 1978,

pg. 98). Em outra passagem também podemos observar que a personagem Ângela não é matéria e sim espírito “Me recebo e o mundo não me toca. Para eu ser duas e haver a participação do estado, olho-me ao espelho, olho a outra de mim. E vejo que minha aparência fluida tem a graça do flutuante rosto humano” (LISPECTOR, 1978, pg. 142)

Tanto Ângela quanto Autor, sabem que caminham em direção a morte, ambos sentiriam saudades um do outro, mas sabiam que precisavam se separar em algum momento, há vários trechos chegando ao final da obra, em que esse pensamento entre as duas personagens sobre a morte aparece várias vezes “Autor – A morte fica além da medida do homem. Por isso eu a estranho, à morte. Eu não tenho conhecimento de sua linguagem muda”. (LISPECTOR, 1978, pg. 168) nessa parte a personagem confessa que teme a morte, pois desconhece sua linguagem silenciosa, enquanto Ângela em sua condição espiritual confessa que não tinha mais medo da morte quando diz: “E a morte já não pode mais comigo porque EU NÃO TENHO MAIS MEDO! ” (LISPECTOR, 1978, pg. 152).

Finalmente chega a hora de separar o espírito da carne (Ângela e Autor), o clímax da narrativa enfatiza mais uma vez a presença essencial do silêncio tão almejado como forma de encontrar a paz interior por ambos quando o Autor confessa: “ – Quanto a mim também me distancio de mim. Se a voz de Deus se manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso. Adeus” (LISPECTOR, 1978, pg. 179).

Conclusão

A personagem Autor sendo representada no texto como do sexo masculino, cria Ângela sendo o seu oposto, uma personagem feminina, justamente para nos mostrar os contrastes que possuímos entre nossa vida material e espiritual. Mas por que essa busca de liberdade pela personagem Autor? Talvez fosse para se livrar do mundo de turbilhões de ideias no qual vivia, da inquietação do seu mundo artístico, de enxergar além dos fatos, além da obscuridade o que nos é maquiado, ofuscado no mundo, e isso lhe afastava da realidade, causava-lhe uma certa angústia na alma, por esses motivos a personagem cria Ângela como se fosse sua alma, para alcançar seus mais profundos sentimentos e pensamentos por meio do “silêncio”, pois sabia que ninguém mais poderia alcançar a essência de seu ser, só então alcançado e totalmente realizado após sua morte, pois só assim conseguiria descansar de uma vida conflituosa de enxergar além do que era capaz aos outros. Nesta tentativa de compreender o significado de sua existência, sua alma buscava a paz, a luz, uma libertação que só lhe é permitida após a sua passagem pelo silencioso desconhecido, rompendo uma

ideologia tradicional que temos sobre o que seja “silêncio”. A partir desse trabalho de desconstrução, pudemos perceber que as palavras de acordo a teoria de Derrida no texto literário, podem ter vários significados, podendo ser desconstruídas, como uma entidade aberta a significações, e não apenas um preso a um único centro, com uma única significação, ao contrário do estruturalismo que pensa como um sistema fechado de significante e significado, EAGLETON seguindo o conceito de Derrida aponta:

Quando os pós-estruturalistas falam da "escrita" ou da "textualidade", de modo geral, estão pensando nestes sentidos particulares da escrita e do texto. A passagem do estruturalismo para o pós-estruturalismo em parte é, como o próprio Barthes disse, uma passagem da "obra" para o "texto". Ela deixa de ver o poema ou o romance como uma entidade fechada, equipada de significações definidas que são tarefa do crítico descobrir, para um jogo irreduzivelmente pluralístico, interminável, de significantes que jamais podem ser finalmente apreendidos em torno de um único centro, em uma essência ou significação únicas. (2006, pg. 208).

Compreende-se assim, que esse silêncio instaurado em toda a narrativa da obra, é posto não para indicar apenas ausência de sons, como é conceituada a palavra, mas, algo que irá transcender os limites de um significado único, os sentidos se expandem a medida em que avançamos a leitura, e percebemos a subjetividade na palavra empregada na obra como algo que é íntimo de qualquer ser humano, bem como o desejo de liberdade, sendo tarefa do leitor descobrir esses outros significados.

Referências Bibliográficas

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. São Paulo: Círculo do Livro

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995, 2ª edição.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 6ª edição.